
A Torre da Barbela



De Cheila Pereira, 11ªA, nº9

A propósito do Projeto de Leitura, no âmbito da disciplina de Português, selecionei *A Torre da Barbela*, de Ruben A, porque o título me sugere algo para explorar, como um museu, por exemplo. O livro *A Torre da Barbela* é um romance de 1964, de 270 páginas, da editora Livraria Portugal. A linguagem do autor é exigente e de certa forma concreta e difícil.

O nome completo do autor é Ruben Alfredo Andresen Leitão, nasceu em Lisboa, em 1920 e faleceu em Londres, em 1975. Foi um escritor, romancista, ensaísta, historiador, crítico literário e autor de textos autobiográficos. Nas suas obras, ele usou o pseudónimo Ruben A. Entre outros livros que escreveu destacam-se os seguintes: *Cores*, de 1960; *Cartas de D. Pedro V aos seus Contemporâneos*, de 1961; *Kaos*, de 1982; *O Outro que era Eu*, de 1966.

Esta obra começa com uma breve descrição da torre, da sua história e dos seus visitantes na atualidade. Esta parte repete-se ao longo do livro, o que demonstra um ciclo contínuo. Ao longo do romance, o autor retrata personagens de diferentes épocas, de diferentes séculos, que se entrelaçam no mesmo tempo e espaço. Todas estas personagens viveram na Torre ou perto da mesma. A obra vai tendo partes da descrição da torre e do espaço envolvente. A história do livro desenvolveu-se à volta desta torre, uma vez que é a única torre triangular da Península.

No meu ponto de vista, Ruben A. tenta refletir a história da pátria de Portugal, descrevendo personagens de diferentes séculos, que convivem simultaneamente naquela torre como se pertencessem à mesma época.

Vou citar duas partes que me chamaram mais à atenção e que mais gostei:

“- Mas, Cavaleiro, não costumavas praticar as mesmas acções a que os nossos antepassados se entregavam? Diz uma palavra que eu compreendo. Ou foges para os lados de Vitorino das Donas para entrepar com as Geraz? Confessa teu pendor. Não tens por aí umas folhas migadas?

- Não, só tenho cigarros.

- Desculpa, sou do século XVI, não estou habituado. Preciso de folhas para mascar. É um vício que me vem do tempo de bordo. – as grandes

calmarias e o frio da nortada chamavam à ruminação.” (página 16). Escolhi este excerto, visto que está bem explícito que são de séculos diferentes, já que D. Payo pede desculpa e assume ser do século XVI.

“Com a partida do Dr. Mirinho, a Torre esvaziara-se. Fora o último a deixar a Barbela, mesmo em vésperas da data marcada para o casamento de Madeleine. De avião, era-lhe fácil chegar a Paris em poucas horas. Os outros é que tinham sofrido as inclemências do atraso técnico, pois haviam partido independentes conforme o século a que pertenciam e os meios de transporte utilizáveis.” (Página 207). Selecionei esta citação por mostrar o convívio simultâneo de personagens de séculos diferentes. Esta foi a parte em que todos, menos Brites, uma prima Barbela, viajaram para Paris a fim de ver a prima Madeleine casar.

Não apreciei muito este romance por duas razões: em primeiro lugar, as descrições são muito extensas, o que na minha opinião, torna o livro muito aborrecido; em segundo lugar, a mistura dos tempos, isto é, a junção dos diferentes séculos numa só época pareceu-me interessante, mas também se torna confusa. No entanto, recomendo a sua leitura a todos os que se interessam por história e gostam de viajar “no tempo”.

